

**HANNAH ARENDT E JOHN DEWEY:
Tensões, aproximações educacionais e o conceito de Experiência**

*HANNAH ARENDT AND JOHN DEWEY:
Tensions, educational approaches, and the concept of Experience*

Flávia Regina Schimanski dos Santos¹

Marta Regina Furlan de Oliveira²

Natasha Yukari Schiavinato Nakata³

RESUMO: Este estudo se propõe a apresentar e discutir as tensões e aproximações educacionais encontradas nas obras dos teóricos Hannah Arendt e John Dewey, tendo como ênfase o estudo da categoria experiência. A pesquisa estrutura-se por meio de um levantamento bibliográfico na base de dados Portal de Periódicos CAPES a fim de investigar as concepções de ambos os autores acerca da educação e, ainda, o conceito de experiência concebendo suas relações com o campo da educação e da educação escolar. Assim, o texto busca contribuir para os estudos epistemológicos e com as teorias da educação, de modo a desvelar as contribuições de grandes intelectuais que, como clássicos, se tornaram atemporais para se (re)pensar os desafios educacionais. Identificamos que apesar de configurarem diferentes perspectivas, os escritos de ambos os autores convergem no compromisso de se pensar a educação como um espaço de possibilidades de construção de um pensar autônomo.

Palavras-chave: Hannah Arendt. John Dewey. Educação. Experiência.

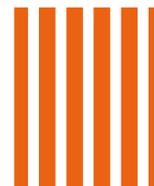
ABSTRACT: This study aims to present and discuss the tensions and educational approximations found in the works of the theorists Hannah Arendt and John Dewey, with emphasis on the study of the category experience. The research is structured through a bibliographical survey in the CAPES Periodicals Portal database in order to investigate the conceptions of both authors about education and, also, the concept of experience conceiving its relations with the field of education and school education. Thus, the text seeks to contribute to epistemological studies and educational theories, in order to unveil the contributions of great intellectuals who, as classics, have become timeless for (re)thinking about educational challenges. We identified that despite their different perspectives, the writings of both authors converge in the commitment to think of education as a space of possibilities for the construction of an autonomous thinking.

Key-words: Hannah Arendt. John Dewey. Education. Experience.

¹ Doutoranda do programa de pós-graduação em Educação. Universidade Estadual de Londrina (UEL), Londrina-PR-Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4583-0193>. E-mail: flaviaschimanski@gmail.com

² Pós doutora em Educação pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Docente do Departamento de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Londrina (UEL) Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8423465824507075> ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-2146-2557>. E-mail: mfurlan.uel@gmail.com

³ Universidade Estadual de Londrina (UEL), Londrina-PR-Brasil. Doutoranda do programa de pós-graduação em Educação. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-7455-8504>. E-mail: naaschiavinato@gmail.com



1. INTRODUÇÃO

Ao tratar dos assuntos educacionais em toda a sua completude e sua complexidade, faz-se necessário considerar que não se pode obter respostas exatas e/ou únicas acerca de uma mesma temática, visto que, o campo da educação foi constituído historicamente por uma gama diversa de concepções, teorias e abordagens. Nesse sentido, o que se busca no presente texto é promover reflexões ao desvelar algumas contribuições de dois pensadores que integram o vasto cenário de intelectuais que ousaram a pensar a educação.

Nessa direção, o estudo busca apresentar e discutir as tensões e aproximações educacionais encontradas nas obras dos teóricos Hannah Arendt e John Dewey acerca da educação e da categoria *experiência*. Ademais, o texto busca contribuir para os estudos epistemológicos e para o estudo das teorias da educação, de modo a desvelar as contribuições de grandes intelectuais que, como clássicos, se tornaram atemporais para se (re)pensar os desafios educacionais.

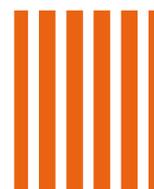
Ambos os autores apresentados nesse estudo, pertencem a diferentes linhas de abordagens e concepções, porém, tiveram em comum o interesse pelo estudo da Filosofia desde muito jovens, além de grandes estudiosos preocupados com as questões sociais e políticas, inclusive com os assuntos educacionais.

O percurso metodológico da pesquisa estrutura-se por meio de um levantamento realizado nas bases de dados *Scielo* e pelo Portal de Periódicos CAPES. Inicialmente, para uma busca mais ampliada, utilizamos o recurso **Hannah Arendt John Dewey** em que ambas as plataformas encontrariam em títulos, resumos ou palavras-chave a sequência desses dois nomes. Notou-se, na primeira busca – realizada no *Scielo* – apenas dois resultados. Por outro lado, no banco de dados da CAPES, a busca pelos mesmos descritores resultou em um total de 1.069 resultados.

Por essa razão, optamos por tratar apenas dos dados obtidos pela segunda plataforma que nos possibilitou o acesso a um maior número de pesquisas. Tais resultados compreendem o período da década de 1960 até 2021, escritos nos idiomas Português, Inglês, Francês, Espanhol e Alemão e, foram classificados em:

TABELA 1 – QUANTO AOS TIPOS DE RECURSOS

Item	Quantidade
Artigos	967
Resenhas	102



Fonte: AUTORA (2021)

TABELA 2 – QUANTO AOS TIPOS DE ASSUNTOS

Item	Quantidade
Ciências Sociais	244
Filosofia	190
Democracia	149
Educação	138
Política	135

Fonte: AUTORA (2021)

Nos propusemos a lidar especificamente com a categoria *Experiência*, concebendo suas relações com o campo da educação e da educação escolar. as quais ditam o cerne da pesquisa. Assim, examinamos um total de 138 trabalhos que versam sobre *Hannah Arendt*, *John Dewey* e *Educação*. Contudo, após uma análise dos resumos de todas essas pesquisas, identificamos apenas cinco que realmente discutiam a educação e a educação escolar com base nos dois teóricos em questão.

Nos artigos selecionados foram identificados temas como a concepção dos autores sobre a educação; questões educacionais como papel da escola, mediação, ação docente e a relação do professor com a criança. Ainda, buscamos identificar sinalizações acerca do conceito de experiência. Encontramos alguns aspectos de divergências e convergências nos pensamentos desses autores. Por conseguinte, nas sessões seguintes, discutiremos as concepções de educação para cada autor, afim de elucidar como ambos concebem a educação, em seguida, buscaremos evidenciar e discutir suas tensões e aproximações com base nos dados obtidos pelo levantamento bibliográfico realizado – além das próprias obras dos referidos autores – elucidando o conceito de experiência encontrado.

2. O SENTIDO DA EDUCAÇÃO PARA HANNAH ARENDT E SUA CRÍTICA AO PRAGMATISMO AMERICANO

A pensadora alemã Hannah Arendt não foi exclusivamente uma pensadora da Educação, embora seus poucos escritos educacionais tenham repercutido mundialmente nas últimas décadas devido a sua profundidade intelectual e análises certeiras acerca dos problemas educativos e formativos. Sua formação original se deu nas áreas da Teologia e da Filosofia, a qual já tinha uma inclinação desde muito jovem por meio de leituras de grandes clássicos. Em 1929 defendeu sua tese intitulada “O conceito de amor em Santo Agostinho” orientada inicialmente por Martin Heidegger e depois por Karl Jaspers até a sua finalização.

Santos (2015) explica que a teórica alemã se interessou no Agostinho filósofo que tratava do amor, especialmente, o amor ao próximo. Portanto, em sua tese, discorreu sobre diversos conceitos, não apenas sobre o amor, mas também conceitos que mais tarde teriam forte presença em toda a sua obra, tais como: nascimento; natalidade; início/ começo e memória. Da Silva (2018, p. 304) destaca que “Ela transfere a ideia de Santo Agostinho do homem como iniciador para o âmbito político destacando a inserção do ser humano no mundo e sua maneira de transformar a realidade com a sua ação.”

A ação na perspectiva arendtiana se refere a uma expressão da pluralidade humana entendida como uma conduta propriamente política, isto é, a ação é uma capacidade que os homens possuem de iniciar algo novo. No entanto, essa ação só é possível na esfera pública e sua concretização depende da convivência entre homens diferentes. Nas palavras de Arendt (2007, p. 189):

Todavia, visto que a ação exige uma diversidade interativa, ela particulariza os homens. Ela promove a aparição de individualidades e possibilita a construção de identidades. Ora, o homem jamais poderá manifestar a sua singularidade no isolamento. Ninguém mostra o que é na esfera pessoal da intimidade. Somente quando está com os outros o homem pode revelar o que é”.

Nesse sentido, a ação possui uma ligação direta com a educação, pois ambas compartilham da característica de iniciar algo novo conforme se expressa o conceito de natalidade, o qual veremos mais adiante. Para além da base teórica agostiniana, Arendt teve em seu orientador Jaspers uma referência para se pensar a existência no mundo. Dessa forma, o período de seu doutoramento estruturou grande parte do seu pensamento político, inclusive a sua forma de pensar a educação

Contudo, o pensamento de Hannah Arendt a respeito da educação foi aprofundado a partir do contexto da crise na educação nos Estados Unidos no século XX. Foi nesse cenário que a autora

teceu suas análises acerca da questão educacional norte-americana, destacando sua crítica ao pragmatismo⁴. Naquele momento a autora encarou a crise como uma oportunidade de “[...] experiência da realidade e da oportunidade por ela proporcionada à reflexão” (ARENDR, 2016, p. 223). Compreendeu que a essência da educação é a natalidade, pois, os seres humanos nascem para o mundo e mantêm a preservação e continuidade deste.

Desse modo, “A educação está entre as atividades mais elementares e necessárias da sociedade humana, que jamais permanece tal qual é, porém se renova continuamente através do nascimento, da vinda de novos seres humanos” (ARENDR, 2016, p. 234). O mundo como uma novidade a esses recém-chegados, confere-lhes um estranhamento de um lugar desconhecido. É nesse sentido que se encontra a responsabilidade da educação.

A criança como objeto da educação está iniciando seus primeiros passos em um mundo novo e, se concentram em um estado que a Arendt (2016) denomina de “vir a ser”, o que significa que a criança é um ser humano em processo de formação. Logo, é no ato de iniciar e de criar algo novo, que se encontra a possibilidade da continuidade e manutenção do mundo. Entretanto, “para preservar o mundo contra a mortalidade de seus criadores e habitantes, ele deve ser, continuamente, posto em ordem” (ARENDR, 2016, p. 243), tendo em vista que por ser construído por homens que por natureza são mortais, acaba sempre desgastando-se com o tempo.

Significa dizer, que as novas gerações carregam em si a promessa da conservação e renovação do mundo, por conseguinte, necessitam de orientações de como fazer, porque são estrangeiros em um novo lugar. Portanto, Arendt (2016, p. 235) defende que quando os pais concebem um filho “assumem na educação a responsabilidade, ao mesmo tempo, pela vida e desenvolvimento da criança e pela continuidade do mundo”. Daí a necessidade de um direcionamento se configura como intrínseca à natalidade, já que a ação dos mais novos dependem de uma orientação para os caminhos que eles desconhecem. Os mais velhos, por já estarem a mais tempo no palco da existência humana, possuem experiências que podem assegurar e garantir a vida dos mais jovens, assim, devem transmitir a herança cultural como um direito.

⁴ Arendt (2016) Ao analisar a crise educacional dos EUA, considerou que a educação estava enraizada na atitude política do país. Destacou, ainda, o entusiasmo da época pelas novidades pedagógicas como um agravante da crise, como por exemplo, o pragmatismo.

A Crítica de Arendt ao pragmatismo, justifica-se pelo caráter potencializador que este exerceu a uma crise já existente. Não somente a corrente pragmática, mas todas as teorias pedagógicas modernas que foram aderidas pelos EUA tão facilmente. Nas palavras da autora:

Em parte alguma os problemas educacionais de uma sociedade de massas se tornaram tão agudos, e em nenhum outro lugar as teorias mais modernas no campo da Pedagogia foram aceitas tão servil e indiscriminadamente. (ARENDDT, 2016, p. 227)

Isso quer dizer que, a crise na educação foi parte de uma crise mais ampla que acometeu o mundo e a aceitação equivocada das teorias pedagógicas modernas como o pragmatismo, tornou a crise mais aguda (ANDRADE, 2008). Essa crise se evidencia como um fracasso do homem em relação a busca por respostas e fica visível na “radical revolução em todo o sistema educacional” (ARENDDT, 2018, p. 227) causada pela novidade da educação progressiva. É o que a autora entendeu como a ruptura com a tradição, o fato de que na modernidade nós perdemos o fio condutor que nos ligava ao passado e assim, nos afastamos da herança que nos direcionava, surgiu então uma lacuna entre o passado e o futuro. Isto é, a tradição tem a sua essência nas “experiências que atravessam o tempo, tornando vivas a presença humana no mundo.” (NASCIMENTO, 2018, p. 284).

Contudo, é importante enfatizar que a autora não considera que os efeitos negativos do pragmatismo na educação tenham sido intencionais pelos seus autores, sua crítica é sobretudo, uma crítica à educação progressiva. Arendt (2016) compreendeu que o objetivo dos pragmáticos sempre foi o bem-estar da criança, mas considerou a forma como seus pressupostos foram estruturados configuraram um grande problema no que se refere ao desenvolvimento das crianças.

Sobre a crise na educação, que de acordo com Arendt (2016) foi uma crise da autoridade. A autora aponta três pressupostos básicos que a geraram tal crise: o primeiro se refere à autoridade que foi dada às crianças e gerou uma desorientação coletiva. Oliveira (2019) elucida que essa situação é caracterizada como a isenção dos adultos em assuntos que só cabem a eles e as quais as crianças não possuem responsabilidade. A negligência por parte dos adultos, resultou em uma autoridade infantil muito mais terrível e tirânica como explica Arendt (2016), a ausência da autoridade dos adultos fez com que as crianças integrassem grupos com potenciais de coletivos autoritários.

A autora argumenta que o pragmatismo não foi o responsável por esse pressuposto, no entanto, foi fortalecido como falas como “A instrução consciente só terá possibilidade de eficácia na medida em que se harmonizar com o procedimento daqueles que constituem o ambiente social da criança” (DEWEY, 1979, p. 19). A crítica da teórica alemã, se refere a incapacidade que as crianças têm de orientarem-se sozinhas em um mundo desconhecido, fato que a autora considera ter sido “ignorado” por Dewey. O segundo pressuposto apresentado por Arendt (2016) se refere ao impacto formativo e trata mais especificamente do ensino. De acordo com a autora explica que as teorias modernas estavam em seu ápice na educação norte-americana.

Por conseguinte, ela considera esse pressuposto como influenciado pela Psicologia Moderna e o pragmatismo, os quais transformaram a pedagogia numa ciência do ensino em geral. Tal fato culminou em grandes agravamentos na formação de professores, por deixar de lado a obrigatoriedade do domínio dos conhecimentos específicos de suas áreas, gerou falhas nas condições formativas para o ato de ensinar, principalmente pela perda de autoridade do professor e a falta de aprofundamento teórico, nas palavras da autora, os professores, “não raro [...] apenas um passo à frente de sua classe em conhecimento”. (ARENDRT, 2016, p. 231)

Em Dewey (1979) os conteúdos e o saber elaborado não possuem relevância para o ensino, visto que o principal papel do educador é promover um espaço simplificado e apropriado com materiais e métodos adequados para o desenvolvimento das aptidões das crianças. O autor considera que é tarefa do meio escolar “eliminar o mais possível os aspectos desvantajosos do ambiente comum, que exercem influência sobre os hábitos mentais. Cria um ambiente purificado para a ação[...]” (DEWEY, 1979, p. 22) e ainda, desconsidera a herança do passado quando afirma:

Toda sociedade vive atravancada, comumente, com a galharia seca do passado e com outras coisas verdadeiramente perniciosas. É dever da escola omitir tais coisas do ambiente que proporciona, e deste modo fazer com que se neutralize sua influência no âmbito social comum. [...] À proporção que a sociedade se torna mais esclarecida, ela compreende que importa não transmitir e conservar todas as suas realizações, e sim unicamente as que importam para uma sociedade futura mais perfeita. (DEWEY, 1979, p. 22)

Esse trecho demonstra como o autor desconsidera a relevância do ensino dos conteúdos e o papel da tradição na educação. O desacordo de Arendt (2016) está nessa recusa dos pragmatistas com a tradição. A autora entende que a autoridade do professor é legitimada pela tradição.

O terceiro pressuposto tem relação direta com a aprendizagem. Arendt (2016) apresenta alguns dos efeitos da ruptura da tradição na modernidade e espalhados no âmbito educacional, como a adoção de conceitos pragmáticos que ditavam que conhecer ou compreender algo só poderia ser possível por quem o fez. Nas palavras de Dewey (1979, p. 204) “o conhecimento do curso natural do desenvolvimento sempre se vale de situações que implicam aprender por meio de uma atividade, aprender fazendo”

Arendt (2016) entendeu que, na educação, isso tomou corpo com a instrumentalidade que substituía a aprendizagem pelo fazer, além de um imediatismo imposto. Nesse aspecto a educação se limitou a elementos instrumentais e se afastou do seu caráter emancipatório que conduz à atividade autônoma, pois houve uma supervalorização das habilidades práticas em detrimento dos conhecimentos. Nesse sentido, a autora defende que a escola é um espaço social, por estar entre o privado e o público, é a ligação da passagem da criança do espaço privado familiar para o espaço público. A seguir, apresentaremos o sentido da educação a John Dewey a fim de compreender o ponto de vista do autor a respeito de sua perspectiva educacional.

3. O SENTIDO DA EDUCAÇÃO PARA JOHN DEWEY

John Dewey é considerado o maior teórico-norte americano do século XX, por revolucionar o sistema educacional dos Estados Unidos regido pela burguesia. Tal sistema tradicional, era totalmente limitado devido ao seu caráter instrumental de memorização e de transferência de conhecimento. De acordo com Pereira *et al* (2009) o teórico norte-americano propôs novas técnicas pedagógicas que possibilitaram significativas transformações no modelo educacional da época.

Suas ideias foram baseadas no pensamento liberal e, assim, surgiu uma nova filosofia, a qual ficou conhecida como a Escola Nova, configurando não só uma opção ao sistema educacional, mas uma oposição ao ensino tradicional que estava enraizado na sociedade estadunidense. O teórico defendeu a ideia de unir a teoria e a prática no ensino a fim de distanciar a educação do até então vigente caráter instrumental. Para Westbrook (2010) o pensamento de Dewey baseava-se na convicção moral de que “democracia é liberdade”, por essa razão foi evidente em sua carreira o compromisso de Dewey com a democracia e com a integração entre teoria e prática.

Silva *et al* (2020) apontam que Dewey criou um projeto de uma escola-laboratório ligado à universidade onde trabalhava. Lá, o teórico testava diversos modos pedagógicos, visto que, acreditava na necessidade da estreita união entre teoria e prática e considerava que as hipóteses teóricas só teriam sentido se houvesse sua praticidade no cotidiano. É nesse sentido que o autor entende que “o fim (resultados) da educação se identifica com os seus meios (processos) do mesmo modo, aliás, que os fins da vida se identificam com os processos de viver” (Dewey, 1971).

Acker (1979) elucidou os pressupostos filosóficos que constituem a obra de John Dewey, em especial nos textos *Democracia e Educação (1916)* e *Como Pensamos (1933)*, a saber: o primeiro pressuposto trata do Pragmatismo (do grego *pragma*= objeto de ação ou práxis): no sentido de que a “[...] realidade é toda composta de acontecimentos relacionados pelo dinamismo da ação recíproca transformadora, intrinsecamente iguais e só diferentes pelo grau de eficiência[...]” (ACKER, 1979, p. 19). É nessa direção que o pragmatismo deweyano entende que o plano das ideias só faz sentido e dispõe uma verdadeira importância desde que possam servir como instrumento para resolver problemas reais.

O segundo pressuposto se refere ao Experimentalismo que é um dinamismo reativo universal. Em um sentido genérico, pode ser denominado de “Experiência”, em que as “experiências humanas, como a vivência consciente e a experimentação científica, física ou sociológica, não passam de aspectos particulares”. (ACKER, 1979, p. 19). Já o terceiro pressuposto, diz respeito ao Princípio de continuidade, no qual o pragmatismo e o experimentalismo “implicam a continuidade ou a identidade intrínseca e essencial entre a natureza cósmica e a experiência humana[...]” (ACKER, 1979, p. 20).

Trata-se de um princípio que se coloca em oposição ao dualismo da filosofia clássica grega, a qual fazia uma distinção entre o mundo das coisas e o mundo das ideias. Em se tratando da educação, o princípio da continuidade como uma forma de julgamento, permite inferir o valor educativo ou não de uma experiência. Nesse sentido, Dewey (1979, p 29) propôs “uma filosofia da educação baseada numa filosofia da experiência”, considerando-a como o meio de contato com o mundo.

O quarto pressuposto filosófico deweyano é a Verdade como práxis a qual coloca em ênfase o instrumentalismo, quando as ideias e outros significados intelectuais saem do campo puramente imaterial e tornam-se instrumentos de ação material instrumental para a resoluções de problemas. O quinto pressuposto é a Escola Nova, movimento que surgiu devido a constatação dos

pragmatistas da necessidade de reformar a escola tradicional a qual configurava-se como passiva, dogmática, conservadora e elitista. Nesse modelo de educação progressista, ao contrário da educação tradicional, não há uma base nas tradições já consolidadas que regiam a sociedade ao longo do tempo.

O que Dewey (1979) estava propondo era uma nova forma de se pensar a educação, deixando de lado aquele caráter de memorização e abrindo espaço para significativas experiências. Contudo, é importante ressaltar que para o autor nem todas as experiências são educativas. Para que uma aprendizagem possa realmente ser uma experiência educativa, o autor aponta que deva ocorrer “dentro, pela e para a experiência” (DEWEY, 1979, p. 28). Além, de possuir características atrativas, motivadoras e não ser encarada como um fim em si mesma.

O próximo momento, irá relacionar as possíveis tensões e aproximações na obra dos outros, elucidando o conceito de experiência. o conceito de experiência e sua relação com a educação na perspectiva de Hannah Arendt e John Dewey.

4. A EDUCAÇÃO SOB AS ÓPTICAS ARENDTIANAS E DEWEYANAS: TENSÕES, APROXIMAÇÕES E O CONCEITO DE EXPERIÊNCIA

Conforme já colocado, Hannah Arendt e John Dewey possuem divergências epistemológicas nas estruturas de suas obras. No entanto, o ponto que os aproxima é que – além de terem vivido no século XX – se importaram em analisar problemas e desafios que assolaram a educação; elaboraram perspectivas próprias acerca do conceito de educação e suas relações com o mundo.

Ao criticar certos elementos da obra deweyana, Arendt (2016) deixou claro que a crítica não se direcionava dos pragmatistas em si, mas em alguns aspectos integrantes da educação progressiva que estava posta. A autora reconheceu que a proposta de Dewey (1979) visava o bem-estar da criança. No entanto, a principal tensão, se refere a forma como isso foi abordado, tendo a criança como o centro do processo educacional e desconsiderando além da autoridade dos adultos, o saber elaborado.

Arendt (2016) chama a atenção para a incapacidade que as crianças têm de orientarem-se sozinhas em um mundo ainda desconhecido, fato que a autora considera ter sido equivocado por Dewey. Nessa tensão, também se evoca a questão da tradição. Dewey (2016) demonstrou não

considerar a tradição como um elemento necessário à experiência educativa, como já colocado nas seções anteriores.

Dewey (1936) considera que a educação é um meio pelo qual a sociedade se mantém. Na medida em que os homens morrem, novas pessoas nascem e assim se dá o processo de reconstrução contínua da experiência desses homens no mundo. Em um mesmo sentido, como já mencionado anteriormente, Arendt (2016) entende que a essência da educação é a natalidade.

Portanto, como elucidada Schinkel (2020) é pela esperança de que todos os dias e em todos os lugares novos seres humanos nascem para o mundo, que a educação que se estabelece como uma capacidade humana de renovação. O mesmo autor, enfatiza a responsabilidade da educação com os mais novos e o paradoxo desses nascimentos, pois, uma vez que configuram uma esperança para o mundo, são também uma ameaça para este.

A esse respeito, também há espaço na obra de Dewey (1979, p. 3) quando considera que a sociedade subsiste, por um lado pela vida biológica e por outro lado por um processo de transmissão que se dá “por meio da comunicação dos mais velhos para os mais novos”. Com outras palavras, é possível perceber que Dewey (1979) assim como Arendt (2016) apesar de recusar a tradição, partilha da ideia de que os mais novos necessitam de um direcionamento dos mais velhos.

Sem essa comunicação de ideias, esperanças, expectativas, objetivos, opiniões, entre os membros da sociedade que estão a sair da vida do grupo, e os que na mesma estão a entrar, a vida social não persistiria.[...] como as coisas são, educar é uma questão de necessidade. (DEWEY, 1979, p. 3)

Para Dewey (1979, p. 23) a escola possui a função de coordenar “na vida mental de cada indivíduo, as diversas influências dos vários meios sociais em que ele vive. Dewey (1979) entende como educação intencional como um espaço escolhido e preparado, assim como os materiais e métodos adequados para o crescimento que se deseja. Nesse ambiente, destaca-se a linguagem, visto que “Por meio dela, em caráter de substitutos, conseguimos participar largamente da passada experiência humana, dilatando e enriquecendo assim a experiência do presente.

As premissas de ambos os autores convergem – apesar de tratadas de formas diferentes – na experiência das crianças com o mundo, considerando que a aprendizagem é constante,

sobretudo, defendem o espaço educativo como um espaço de construção do pensamento autônomo que se afasta de um lugar de doutrinação.

Na próxima seção, discutiremos o conceito de experiência e sua relação com a educação na perspectiva de Hannah Arendt e John Dewey. Buscando, primeiramente, esboçar um conceito geral do referido conceito e, em seguida, discutir as sinalizações sobre experiência em ambas as perspectivas.

4.1 Sobre o conceito de experiência e a perspectiva dos autores

Em um sentido amplo e genérico, a experiência pode ser entendida como um dos elementos fundamentais da prática do pensar. É um termo difícil de ser estudado devido a sua enorme polissemia e uma diversificação de entendimentos. Ao recorrer ao seu significado no *Dicionário de Filosofia*, encontra-se uma infinidade de significações derivadas de diferentes concepções e momentos históricos.

A primeira definição concebe a experiência como constituída por dois significados fundamentais: primeiro a participação pessoal em situações repetíveis como por exemplo:

"x tem Experiência. de S ", em que S é entendido como uma situação ou estado de coisas qualquer que se repita com suficiente uniformidade para dar a x a capacidade de resolver alguns problemas; 2- recurso à possibilidade de repetir certas situações como meio de verificar as soluções que elas permitem: como quando se diz "a Experiência. confirmou x ", ou então: "a proposição p pode ser confirmada pela E.". (ABBAGNANO, 2007, p. 406)

No segundo significado a experiência tem caráter objetivo ou impessoal "o fato de a proposição ser verificável não implica que todos os que fazem tal afirmação devam participar pessoalmente da situação que permite confirmar a proposição p ". (ABBAGNANO, 2007, p. 406). Os dois significados possuem em comum a possibilidade de repetir as situações, ainda, o termo experiência não se refere necessariamente a situações sensíveis, mas indica situações de qualquer natureza em que haja a repetibilidade.

Explica que o recuso à experiência foi formulado pela primeira vez no plano filosófico no século XIII como um "recurso à intuição". O autor faz referência a Roger Bacon que argumentou

que “nada se pode conhecer suficientemente. Os modos de conhecer são dois: a argumentação (*argumentum*) e a experiência. (ABBAGNANO, 2007, p. 408). Dado uma breve explanação do conceito de experiência, interessa-nos abordar como esse importante conceito é compreendido e abordado por Hannah Arendt e John Dewey.

A experiência para Hannah Arendt está intimamente ligada à história e às narrativas. Muito dessa concepção se deve ao seu amigo pessoal e grande filósofo Walter Benjamin, como quando ele alerta para a “pobreza de experiência” (BENJAMIN, 1994) remetendo-se a perda de memória na modernidade devido a ruptura com a tradição, a qual mencionamos anteriormente.

Essa ruptura privou as gerações mais recentes de ouvir as narrativas das experiências passadas que poderiam direcioná-las no compromisso de assumir a responsabilidade pelo mundo. Assim, a experiência em Arendt expressa-se também na ação, isto é, no agir politicamente que representa valores que unem os homens em um mundo comum e plural.

Por outro lado, Ramos (2010, p. 199) explica que a experiência foi considerada pelos pragmatistas como “uma noção capaz de superar dualidades tais como pensamento e matéria, alma e corpo, ideal e real, liberdade e necessidade, história e natureza”, o que remete aos elementos constitutivos das práticas da escola tradicional.

Apesar da crítica deweyana à educação tradicional, o autor defende que o modelo tradicional de educação também era um espaço de experiências, quando afirma que “é um grande erro supor, mesmo que tacitamente, que a sala de aula tradicional não era um sítio onde os alunos tivessem experiências” (DEWEY, 1979, p. 26). No entanto, se tratava de um tipo inadequado de experiência. Dessa forma, o autor explica que o que diferencia os dois modelos de educação é a qualidade das experiências.

Nessa perspectiva, a experiência só pode ser compreendida levando-se em consideração o princípio da continuidade juntamente com a interação. A essa relação, o autor denominou continuidade como *continuum* (DEWEY, 1979, p. 23), isso se dá ao caráter natural das experiências e pela ligação das condições internas e externas à vida dos homens. Isso significa que o autor não distingue o sujeito e objeto visto que essa relação é de unidade por meio da experiência.

7. CONCLUSÃO

Nesse estudo, ousamos discutir a educação tomando como base dois importantes intelectuais do século XX – Hannah Arendt e John Dewey – os quais integraram diferentes concepções de pensamento e possuíam divergências epistemológicas, mas marcaram a história com suas relevantes contribuições para o campo científico da Filosofia e Educação. Consideramos necessário o debate dos teóricos que, de alguma forma, se debruçaram no estudo nos desafios que assolam o campo da educação ao longo da história e deixaram fortes possibilidades de reflexões.

Nesse sentido, a proposta da presente pesquisa foi apresentar e discutir as tensões e aproximações educacionais encontradas nas obras dos teóricos Hannah Arendt e John Dewey, tendo como ênfase o estudo da categoria *experiência*. A pesquisa se deu por meio de um levantamento bibliográfico na base de dados Portal de Periódicos CAPES a fim de investigar as concepções de ambos os autores acerca da educação e, ainda, o conceito de experiência concebendo suas relações com o campo da educação e da educação escolar.

Identificamos concepções diferentes sobre educação e experiência para os autores, no entanto, ambas as perspectivas demonstram um construto teórico e intelectual muito bem elaborado sobre a educação e demais questões que a envolvem. De um lado, Arendt (2016) considera a educação como uma das atividades humanas mais elementares. Seu pensamento baseia-se fortemente na tradição, a qual se caracteriza como um forte elo com os valores do passado que garantiram por muito tempo a continuidade do mundo. Para essa autora, pensar a educação é pensar a natalidade em consonância com a responsabilidade.

Significa que, as crianças chegam em um mundo desconhecido e necessitam do direcionamento dos adultos. Por conseguinte, a responsabilidade na educação, assume forma de autoridade. É o ato de os adultos – sejam pais, professores ou responsáveis - assumirem o compromisso de educar os mais jovens para os caminhos que ainda desconhecem e possibilitá-los a agir politicamente com vistas ao bem comum, reconhecendo o espaço público como um espaço de pluralidade humana. Os educadores como a representação adulta do espaço educacional, cumprem prepará-los para assumir a responsabilidade pelo mundo, de compreender que o mundo não é um lugar de sua vida individual, mas é um lugar comum a todos nós (ARENDRT, 2016).

Por outro lado, Dewey apresenta outra forma de se pensar a educação. Para esse autor, a educação tem a ver com instrução, na qual o professor deve preparar um ambiente apropriado para que o aluno tenha experiências significativas. Desse modo, a liberdade põe-se em relevo, visto que,

o autor defende que os alunos devem elaborar as próprias certezas e construir conhecimentos na medida em que experimentam situações desafiadoras.

O conceito de experiência, assim como outras concepções que integra o pensamento dos autores apresentados, contribuem para a compreensão sobre como concebem a relação dessa categoria com a educação. Em diferentes abordagens, a experiência educativa se dá no trato da criança com o mundo e na possibilidade de pensarem por si mesmas e de agirem com vistas a manutenção e bem estar do mundo comum.

Sem a intenção de formular juízos de valor a respeito das concepções discutidas, o estudo buscou colocar em debate as considerações acerca do campo da educação, autores que tentaram contribuir para se pensar os desafios educacionais e deixaram suas marcas nessa área de estudos, em que pesquisadores do mundo inteiro ainda aprofundam o estudo de seus escritos e continuam a desvelá-los. Portanto, o texto não esgota, nem tampouco teve a pretensão de apresentar os pensamentos dos autores em sua completude, mas de colocar em relevo os principais pressupostos que compõem as perspectivas teóricas de cada um deles.

REFERÊNCIAS

- ACKER, Leonardo Van. Prefácio. In: DEWEY, John. **Democracia e Educação**. Tradução Godofredo Rangel e Anísio Teixeira. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1979.
- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. Trad. Ivone Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- ARENDT, Hannah. **Entre o Passado e o Futuro**. São Paulo: Perspectiva, 2016.
- BENJAMIN, Walter. Experiência e pobreza. In: **Magia e Técnica, Arte e Política**. 7ª ed. – São Paulo: Editora Brasiliense, 1994 – (Obras escolhidas v. 1) p. 114-119.
- DA SILVA, Rafael Furtado. O conceito arendtiano de educação. **Pensar-Revista Eletrônica da FAJE**, v. 9, n. 2, p. 303-311, 2018.
- DE ANDRADE, Flávio Rovani. A crise na educação de Hannah Arendt e a crítica às concepções educacionais do pragmatismo. **Meridiano 47-Journal of Global Studies**, n. 10, p. 32-45, 2008.
- DEWEY, J. *Cómo pensámos*. Buenos Aires: Paidós, 1989.
- DEWEY, John. **Democracia e Educação**. Tradução Godofredo Rangel e Anísio Teixeira. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1979.

NASCIMENTO, Carlos Eduardo G. Hannah Arendt: uma narradora entre o passado e o futuro. **Princípios Revista de Filosofia**, v. 25, n. 48, 2018.

NUNES, Sandra Janice. A escola pública na fronteira do público e do privado. In: XV Jornada de Pesquisa da Unijuí, XIX Seminário de Iniciação Científica. XVI Jornada de Pesquisa. XII Jornada de Extensão. **Anais**. Ijuí: Unijuí, 2010. v. 1.

OLIVEIRA, Marta Regina Furlan de. Autoridade pedagógica ou autoritarismo na educação para a infância? Reflexões em Hannah Arendt e a Teoria Crítica. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 14, n. 2, p. 456-469, abr./jun., 2019.

RAMOS, Marise. Práxis e pragmatismo: referências contrapostas dos saberes profissionais. In: SEMINÁRIO DE PESQUISA, IV., 2009, Rio de Janeiro. **Anais/Seminário de Pesquisa: a crise da sociabilidade do capital e a produção do conhecimento**. Rio de Janeiro: UFF; UERJ; EPJVV, 2013. p. 193-212.

SANTOS, Carolina Bertassoni dos; RODRIGUES, Henrique Estrada. **Natalidade e Política: Hannah Arendt leitora de Agostinho**. Rio de Janeiro, 2015. 100p. Dissertação de Mestrado - Departamento de História, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

SCHINKEL, Anders. Education as mediation between child and world: The role of wonder. **Studies in Philosophy and Education**, v. 39, n. 5, p. 479-492, 2020.

SILVA, Tatiana Maria R. *et al* As contribuições de John Dewey e Hannah Arendt para as práticas docentes. In: **CONEDU – VII Congresso Nacional de Educação**, Maceió-AL, 2020.

PEREIRA, E. A; MARTINS, J. R.; ALVES, V. dos S. e DELGADO, E. I. A contribuição de John Dewey para a Educação. **Revista Eletrônica de Educação. São Carlos, SP: UFSCar**, v.3, no. 1, p. 154-161, mai. 2009. Disponível em <http://www.reveduc.ufscar.br>.

WESTBROOK, Robert Brett. John Dewey. Tradução José Eustáquio Romão e Verone Lane Rodrigues. **Coleção Educadores**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010.